



DO CORPO SOB O OLHAR DE BOURDIEU AO CORPO CONTEMPORÂNEO

Marisa Mello de Lima - ABT

Resumo

Este ensaio, baseado em revisão de literatura, objetiva discutir como as reflexões sobre o corpo de Bourdieu e Mauss estão atualizadas considerando o corpo contemporâneo. Serão enlaçados os conceitos de *habitus* e técnicas corporais fazendo um paralelo com a nova ordem imposta ao corpo (sujeito?) na qual as relações da sociedade contemporânea com o corpo ganham centralidade e um processo de inversão aparece: a alma sai do jogo e o corpo entra em campo passando a ser mais exposto. De modo que o corpo possui um arsenal de possibilidades de envolvimento com o mundo social que definitivamente, não pode ser reduzido ao corpo físico e/ou biológico.

Palavras-chave: corpo, consumo, Bourdieu, Mauss

Abstract

This essay is based on literature review and aims to discuss how the reflections about the body on Bourdieu and Mauss' view are updated regarding the contemporary body. *Habitus'* concepts and body techniques will be put together drawing a comparison with the new order imposed to the body (subject?) in which the contemporary society relations with the body reach a centrality and an raises an inversion process : the soul leaves the game and the body becomes more exposed. So, the body has an arsenal of possibilities to get involved





with the social world that definitely can not be reduced to the physical and / or biological body.

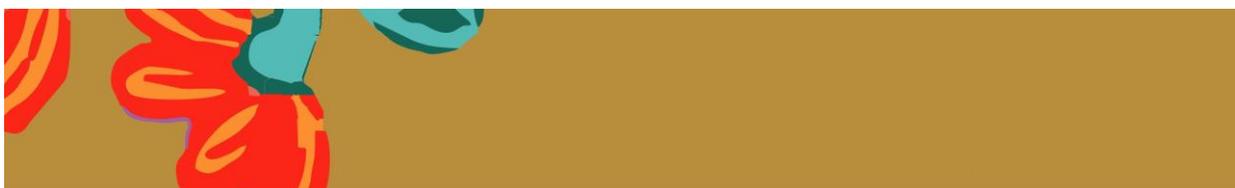
Keywords: body, consumption, Bourdieu, Mauss

INTRODUÇÃO

O século XXI assistiu a uma crescente valorização do corpo suscitando uma série de reflexões acerca de aspectos epistemológicos inter-relacionais como: corpo-mente, corpo-saúde, corpo-aprendizagem cognitiva, corpo-comunicação, corpo-sujeito, corpo-consumo-mercadológico e corpo contemporâneo. Esse fenômeno emergente é atribuído à grande força da mídia e ao surgimento de uma cultura de consumo como característica da sociedade contemporânea.

A cultura hedonista produz o consumo do insumo corpo tornando a aparência um valor fundamental, levando a imagem e a estética a assumirem a primazia das relações sociais. Está em voga uma cultura que exalta a aparência e nega a organicidade, na qual o corpo (sujeito?) é objeto mercantilizado que na contemporaneidade se torna fonte de produção de consumos desenfreados e hedonistas; é medido pelos bens externos ao seu físico e pelas mudanças corporais alcançadas à base de barganhas mercadológicas, reduzindo-o a métodos quantitativos. Um novo estilo de existência toma forma, novas tecnologias pululam aos olhos do sujeito-corpo que, na maioria das vezes, não possui o discernimento adequado para contrapor ao que está sendo posto pela moda publicitária.

O presente ensaio lança um olhar para o corpo que Bourdieu discute e o consumo deste na contemporaneidade. Serão enlaçados conceitos de *habitus* (Bourdieu, 2007), técnicas corporais (Mauss, 1934) e corpo contemporâneo (no espelho do social) com o intuito





de localizar os pontos convergentes e divergentes dessas ideias. Dessa forma, autores como Marcel Mauss e David Le Breton terão contribuição significativa no desenrolar deste ensaio.

Também, serão levantados questionamentos sobre perspectivas relacionadas ao corpo-consumo para além daquilo que sua visão biológica lhe proporciona, e se há a possibilidade, em eras de consumo, de uma construção social do corpo à luz da razão nesta contemporaneidade.

A CONSTRUÇÃO DO CORPO (SUJEITO?) SOB O OLHAR DE BOURDIEU

Valorizar o corpo significou ampliar o seu conceito, compreendendo-o para além de um mero espaço físico ocupado por um conjunto de órgãos, pois passa a ser nele o lugar em que se dá, se realiza e se manifesta não só as suas aptidões e contingências físicas, mas também e sobretudo o conjunto complexo de reciprocidade e inter-relações entre as emoções, a sexualidade, sentimentos, os pensamentos e os desejos humanos, tornando assim a noção ou mesmo o conceito de “corpo” em algo eminentemente rico e complexo.

Pierre Bourdieu defende a ideia de se tratar o corpo socializado não como um objeto, mas como o depósito de uma capacidade gerativa e criativa por meio de disposições incorporadas e transformadas em posturas corporais que nos leva a compreender de que maneira o homem se socializa. O corpo não é, pois um objeto. Sua imagem é o conceito e a vivência que se constrói sobre o esquema corporal, trazendo consigo o mundo das significações, e na imagem estão presentes os afetos, os valores, a história pessoal, marcada nos gestos, no olhar, no corpo em movimento, que repousa e que simboliza. Isso nos remete às técnicas corporais de Marcel Mauss (1936, p. 211) traduzidas como sendo “as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”.





Freitas (1995, p. 18) argumenta que:

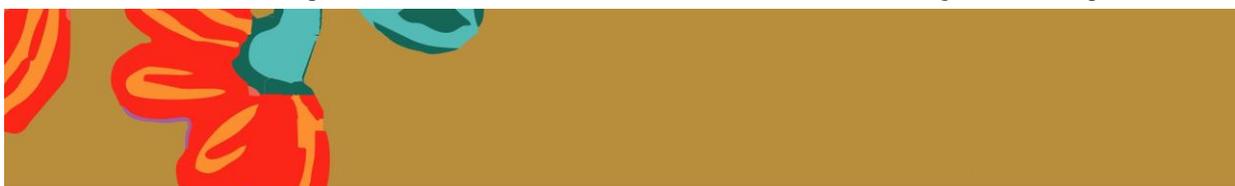
Na imagem do corpo está implícito não apenas o corpóreo, ou seja, meu corpo enquanto objeto de reflexão, com fronteiras bem definidas pela epiderme, mas principalmente a corporeidade, o corpo-sujeito que age no mundo e que, nesta inter-relação, estende-se para ele, perde suas fronteiras anatomicamente definidas e torna-se marcado pelos símbolos de suas vivências, torna-se presença.

Sendo o corpo um dado concreto a ser produzido e reproduzido pela sociedade, o conceito de *habitus* de Bourdieu aponta para a centralidade do corpo, como lugar privilegiado de análise do sujeito social e fundamento último da unidade do ser. Nessa linha de raciocínio encontram-se vários autores que evidenciam o corpo provido de *habitus* - por sua própria natureza cultural -, que esclarecem e defendem a ideia do corpo-sujeito ser o personagem principal do mundo social, nos levando a ter consciência do outro.

Segundo Medeiros (2011, p. 282), a relação entre agente social e o mundo não seria a relação entre o indivíduo e um objeto, mas a relação de cumplicidade ontológica entre *habitus* e o mundo que o determina. Assim, o esquema corporal tem papel fundamental para interpretar as posturas corporais bem como os usos do corpo na vida cotidiana, visto que ele é o depositário de toda uma visão do mundo social em que se refletem os distintos usos do corpo nos diferentes grupos sociais.

Nesse sentido, o corpo social é o corpo do indivíduo portador do *habitus*, enquanto prática geradora origina formas diferenciadas de expressar-se corporalmente, dentro de modulações configuradas por um grupo socialmente identificado. Para Bourdieu (2001, p. 165), “é preciso um corpo para existir no mundo, para ser incluído no mundo, mas segundo um modo de inclusão irredutível à simples inclusão material e espacial”. A partir dessa perspectiva, Mauss (1934, p.214) complementa:

Tive pois, durante numerosos anos, esta noção da natureza social do “*habitus*”. Peço que observem que digo em bom latim, compreendido na França, “*habitus*”. A palavra traduz, infinitamente melhor “o hábito”, “o exigido”, “o adquirido” e a





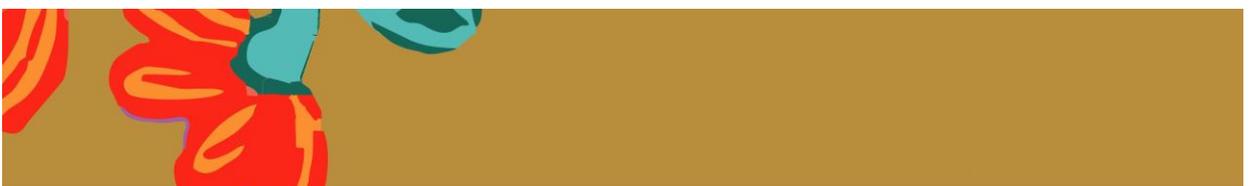
“faculdade” de Aristóteles (que era um psicólogo). Ele não designa esses hábitos metafísicos, esta “memória” misteriosa, tema de volumes ou de curtas e famosas teses. Esses “*habitus*”, variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, mas, sobretudo, com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, com os prestígios. (MAUSS, 1934, p. 214)

Bourdieu 1980, p. 123 *apud* Medeiros 2011 ainda afirma que:

o que se aprende pelo corpo não é algo que, como um saber, se possa segurar diante de si, mas é algo que “*se é*”, e se refere também à ideia de que o saber aprendido pelo corpo, entendendo este saber como um esquema de sistemas de investimento social que o corpo incorpora, não é palpável. O corpo não representa um papel, não interpreta um personagem e sim se identifica com este formato determinado socialmente, constituindo a partir deste formato a imagem de si, como a imagem que o conforma enquanto indivíduo e por isso mostra o “que ele é”.

Logo, o corpo é o lugar de expressão de emoções, afetos, desejos e principalmente, de manifestação daquilo que está menos sob o controle dos indivíduos sendo considerados como um meio que permite ver o estado interior do indivíduo e, portanto, por meio da educação corporal se “educa” os afetos, as emoções e demais traços da personalidade (MILSTEIN e MENDES, 2010, p. 35).

Contudo, ainda na teoria de Bourdieu, a maneira de estar no mundo se deve a um processo de pertencimento social de onde se originam formas diferenciadas de expressar-se corporalmente; e para Merleau-Ponty o corpo é como um lugar de apropriação do sentido do mundo. Percebe-se aqui, uma convergência de ideias quando se considera o corpo expressivo, enquanto corpo que se comunica e que demonstra raiva, amor, aversão, aceitação, pudor, sexualidade e uma comunicação sem palavras, somente pela gestualidade; quesitos supervalorizados na teoria fenomenológica de Merleau-Ponty. O uso do corpo expressivo é uma atitude em relação ao mundo social.





Encontram-se explicações complementares para os pressupostos acima citados com Le Breton (2011, p. 7) comprovando que o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento etc. O corpo passa a ser pensado como uma forma moldada pela interação social, implicitamente um fato de cultura.

Corroborando com os autores supracitados, Mauss (1934) defende a ideia das técnicas corporais como um ato tradicional e eficaz, e que para haver técnica e transmissão é necessária a tradição. E continua afirmando que quando uma geração passa à outra geração, a ciência de seus gestos e de seus atos manuais, há tanta autoridade e tradição social quanto quando a transmissão se faz pela linguagem (MAUSS *apud*, DAOLIO, 1995, p.47).

Os seres humanos, por meio de suas representações simbólicas, retiram o corpo de uma postura objetual para inseri-lo como sujeito nas relações sociais. Esse ‘corpo sujeito’ se faz na interação com os outros ‘corpos sujeitos’ por meio de suas representações simbólicas. O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem, o mais natural objeto técnico, ou melhor, o corpo é o meio técnico do homem. Isso evidencia que o homem não é produto do corpo; ele mesmo produz as qualidades do corpo na interação com os outros e na imersão no campo simbólico (LE BRETON, 2011, p.19).

Milstein e Mendes (2010, p. 27) nos trazem a ideia de que a corporização sempre supõe elaborações práticas e vínculos significativos com o espaço, o tempo, os objetos e os sujeitos que determinam interpretações práticas de situações. Assim, tais autores defendem que compreender o processo de corporização supõe pensar o corpo como o resultado de um processo de transformação da natureza, que inclui o corpo humano na construção com esse processo de transformação e, portanto, como social e historicamente produzido confirmando o fato de que o corpo humano é resultado da sociedade e da história.





Entende-se, então, que as diferentes civilizações possuem gestos diversos com significados distintos, ligando determinadas pessoas, enquanto uma maneira de ser no mundo.

Medeiros (2011, p. 285), por sua vez, afirma que:

O corpo passa a ser portador do *habitus* uma vez que as disposições incorporadas moldam o corpo a partir das condições materiais e culturais, até torná-lo um corpo social. Este é o processo de socialização, produzindo um ser individual forjado nas e pelas relações sociais, fazendo da própria individualização um produto da socialização. Por isso a noção de *habitus* articula o individual e o coletivo (2011, p. 285).

Considerando o dualismo corpo-mente como manifestações pedagógicas identificam-se abordagens - corpo-saúde, corpo-aprendizagem cognitiva, corpo-sujeito, corpo-consumo, corpo-comunicação - que são necessárias para o desenvolvimento do corpo-social caracterizado por Bourdieu como possuidores de capitais. Inclui-se além dos capitais econômico, cultural e social, também o capital corporal¹, afirmando que as propriedades corporais podem funcionar como capital para a obtenção de lucros sociais, para conceder a representação dominante do corpo um reconhecimento incondicional. Com efeito, a garantia que dá a certeza de seu próprio valor e, em particular, do valor de seu próprio corpo ou de sua própria linguagem, é intimamente associada à posição ocupada no espaço social e também à trajetória (BOURDIEU, 2007, p. 194).

A partir dessa afirmação, conclui-se que deve ser considerado o esquema corporal que é o depositário do corpo próprio; é a organização das sensações relativas a seu próprio corpo associado aos dados do mundo exterior; é uma imagem do nosso corpo que desempenha um papel importante na consciência que cada um tem de si. O esquema corporal², portanto,

¹ Os sinais e as disposições e esquemas classificatórios que revelam as origens e a trajetória de vida de uma pessoa manifestam-se também na forma do corpo, altura, peso, postura, andar, conduta, tom de voz, estilo de falar, senso de desenvolvimento ou desconforto em relação ao próprio corpo etc.

² Segundo Bourdieu, *apud* Medeiros, 2011, p. 283 o esquema corporal é utilizado para interpretar as posturas corporais, ou mesmo os usos do corpo na vida cotidiana. E ainda, Champagne 2008, *apud* Medeiros 2011, p.288 explica que o corpo está no mundo social, mas o mundo social está no corpo sob forma de postura corporal (hexis), de esquemas de pensamento (eidos) e de apreciação (ethos).





identifica o sujeito-corpo, dá “vida real” à sua postura e posição no mundo social, o qual impõe uma relação de poder e dominação que lança Bourdieu e Mauss em uma mesma nau quando se trata de capital corporal e técnicas corporais.

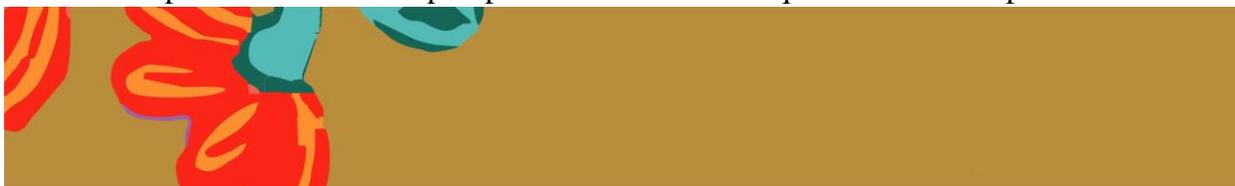
Pelo fato de que as condições diferentes de existência produzem *habitus* diferentes, sistemas de esquemas geradores suscetíveis de serem aplicados, por simples transferência, às mais diferentes áreas da prática, as práticas engendradas pelos diferentes *habitus* apresentam-se como configurações sistemáticas de propriedades que exprimem as diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência sob a forma de sistemas de distâncias diferenciais que, *percebidos* por agentes dotados dos esquemas de percepção e de apreciação necessários para identificar, interpretar e avaliar seus traços pertinentes, funcionam como estilos de vida (BOURDIEU, 2007, p. 164).

Há ainda, segundo Le Breton (2011 *apud* Pagès-Delon, p. 69) o capital aparência, cujas fontes devem ser gerenciadas da melhor maneira possível para que o melhor rendimento possa ser alcançado ou simplesmente para que não se prejudique por demasiada negligência. Na modernidade, a única extensão do outro é frequentemente a do olhar: o que resta quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais medidas.

DA DOMINAÇÃO AO CORPO CONSUMO

Considerando que o consumo passou a ser o principal ideal da contemporaneidade, a dominação nessa relação exerce forte influência quando se discute o corpo-consumo-mercadológico. Com os discursos ideológicos dominantes, a cultura em sua forma mercadorizada – indústria cultural – produz comportamentos de consumo decorrentes da subordinação de processos constitutivos da subjetividade, como a identificação, os ideais e o desejo, à lógica mercantil (MOURÃO, 2010, p.3).

Uma nova ordem é imposta ao corpo (sujeito?), que entorpecido pela lógica consumista pouco se interessa por possuir instrumentos que lhe darão a possibilidade de





contrapor a realidade dada. Quando se trata de um aprisionamento da “alma-pensamento” desencadeada pela sociedade mercadológica contemporânea, perde-se a liberdade de escolha diante do consumo compulsivo e a submissão aos produtos apresentados pela tecnologia em velocidade ímpar, é um fator que molda o corpo biológico e conseqüentemente o corpo social. “A ordem social determina a ordem do corpo, tornando-o ao mesmo tempo lugar de investimento e princípio de sua eficácia” (MEDEIROS, 2011, p. 289); aqui encontra-se uma forma sutil de controle social.

Em vista disso, há que se deixar de pensar o corpo fragmentado e passar a olhá-lo sob o viés que lhe dará a abertura à dialética da consciência e do mundo tornando viável a presença de um sujeito intencional, pois a consciência permite que o corpo se torne um ser vivo; um corpo humano; um corpo no mundo; um corpo cultural desenvolvendo uma consciência do mundo real por meio do nosso corpo. Ao fim e ao cabo, o corpo possui um arsenal de possibilidades de envolvimento com o mundo social que definitivamente, não pode ser reduzido ao corpo físico e/ou biológico.

Bourdieu 1982, *apud* Medeiros 2011, afirma que os efeitos da dominação se exercem por intermédio de uma relação de adesão corporal e o vocabulário da dominação está repleto de metáforas corporais, sendo que a submissão está inscrita nas posturas, na maneira como se curva o corpo e nos automatismos do cérebro.

O autor escreve:

Os discursos feitos pelos agentes sociais, como formas de comunicação, não conseguem expressar tão bem a dominação e a submissão quanto a “ginástica” da dominação inscrita em seu corpo em que a ordem social se inscreve de forma duradoura. (BOURDIEU 1982, *apud* MEDEIROS 2011, p. 288)

Com isso, o corpo natural é desqualificado e negligenciado, pois o sujeito é levado a reinventar o próprio corpo quando é constatado que em sua mente-alma não está consolidada





a ideia de passar ao limbo da mercadorização do ideal de corpo-perfeito, ou seja, ficam reféns do mercado do consumo.

O CORPO MOLDADO PARA O CONSUMO DO SUJEITO-CORPO

O mundo contemporâneo lançou seu olhar para o corpo tornando a aparência um valor fundamental, a indústria cultural produz comportamentos de consumo que vão até o “consumo do sujeito” onde a imagem e a estética possuem lugares privilegiados. “A retórica da alma foi substituída pela do corpo sob a égide da moral do consumo e um imperativo de prazer impõe ao ator, à revelia, práticas de consumo visando aumentar o hedonismo de acordo com um jogo de marcas distintivas.” (LE BRETON, 2011, p.84).

Assim, pode-se inferir que uma nova abordagem sobre o corpo está em voga atualmente: a abordagem de “corpo-consumo-mercadológico” que merece estudos pela relevância que o corpo possui quando se trata de expressão, linguagem – verbal e não verbal - e lugar de investimento - mote das campanhas publicitárias. O corpo-consumo-mercadológico devora o “corpo-mente-alma”, quando o processo de extrema valorização da corporeidade e da materialidade do corpo refletem a crise da alma, da razão e do pensamento.

À medida que campanhas publicitárias bombardeiam os atores sociais, a cegueira prevalece, impede o brilho da luz e da alma; o real não é visualizado e o sujeito-corpo é induzido ao aprisionamento dos apelos do corpo, que nos levam a desejos e paixões descontroladas e nos afastam da verdade.

Costa (2005, p. 84) é enfático ao antecipar que: “Se o corpo vem ofuscando o brilho da mente é porque vivemos em uma sociedade que perdeu sua alma”. Perde-se a alma em detrimento de um corpo perfeito aos olhos da exigente sociedade consumista vigente, ou seja, há uma barganha quando o ator social vende sua alma e compra métodos de perfeição corporal. Como exemplos têm-se: cirurgia plástica, aplicação de *botox*, colocações de





próteses, dicas de alimentação, dietas, programas instantâneos de atividade física, métodos de atividades físicas americanizados nos moldes dos exércitos, ou seja, tais aparatos estão por toda a parte e em grande quantidade.

Um mercado em pleno crescimento renova permanentemente as marcas que visam a manutenção e a valorização da aparência sob os auspícios da sedução ou da “comunicação”. Roupas, cosméticos, práticas esportivas etc., formam uma constelação de produtos desejados destinados a fornecer a “morada” na qual o ator social toma conta do que demonstra dele mesmo como se fosse um cartão de visitas vivo. (LE BRETON, 2009, p. 78)

O ideal de perfeição corporal se apresenta como uma possibilidade que está ao alcance de qualquer ator social. “O sistema de trocas comerciais acabou por governar as relações cotidianas do homem com ele mesmo e com os seus semelhantes. Todos os aspectos da vida pública e privada são dominados pelo quantitativo” (VANEIGEM, 2002, p. 97).

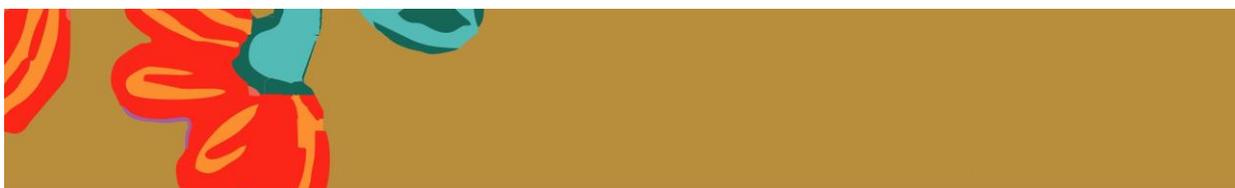
Ainda sobre isso Vaneigem (2002, p.97-8) diz que:

Na medida em que os indivíduos aceitam e fazem existir o poder, o poder também os reduz à sua medida, padroniza-os. E ainda, o cálculo da capacidade humana de produzir e de fazer produzir, de consumir e de fazer consumir concretiza com perfeição essa expressão tão cara aos filósofos: a medida do homem.

Bourdieu 2002b, *apud* Medeiros 2011, p. 293 diz que “as aquisições incorporadas são determinadas socialmente e se inscrevem no corpo na maneira de se portar, de se movimentar e cuidar do corpo”.

O mesmo autor ainda defende que:

[...] a manipulação “entre o ser e o dever-se em tudo que concerne à imagem ou à utilização do corpo”, que conta com a cumplicidade inconsciente daqueles que contribuem para a produção de um mercado inesgotável de produtos que são oferecidos para impor uma nova *hexis* corporal, dimensão fundamental do senso de orientação social. (MEDEIROS, 2011, p. 293)





A preocupação com o corpo é recorrente na tradição das Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia. Ratificando tal questão, os escritos de Bourdieu chamam atenção pela atualidade de suas ideias ao se referir ao mercado inesgotável de produtos oferecidos aos atores sociais; e fazendo um paralelo com os tempos atuais, eis o que Santos esclarece:

Todos os habitantes do planeta, de uma forma ou de outra, estão submetidos ao consumo e ao mercado. O consumo hoje parece fornecer a identidade ao indivíduo, quem ele é, de quem ele se diferencia. Talvez, nesse aspecto, seja possível falar da ideia de uma diferenciação social, ou até mesmo, pensar a ideia da cidadania pela ótica do consumo. (2010, p. 52)

A marca definidora do mundo contemporâneo é o consumo, e as satisfações antes tradicionais: aquele encontro aos domingos com a família para conversas qualitativas - diga-se, não mensuráveis pelo quantitativo -, os passeios a lugares não conhecidos - a qual a surpresa era um quesito valorizado -, os filmes fotográficos a serem revelados - que escondiam o prazer de ver as fotos em mãos -, foram ao longo dos anos trocados por aparatos tecnológicos admiráveis em suas capacidades de armazenamento e tantas novas gerações. Não obstante, nota-se a perda do contato físico, interativo e cultural do sujeito-corpo com o outro corpo-sujeito que por meio dessa relação de trocas contribuem significativamente na formação de um sujeito crítico, intencional, promovedor de embates possivelmente construtivos, libertadores e reais.

A respeito disso Le Breton esclarece:

[...] que a lógica econômica que domina a sociedade aprisiona o corpo-sujeito na reprodução de compleições físicas e parece desconhecer os aspectos contemporâneos de uma sociedade onde o provisório é a única permanência e onde o imprevisível leva frequentemente vantagem sobre o provável. O problema que permanece é o de mudança, do homem não mais “agente”, mas “ator” da existência social (2011, p. 83).

Vê-se, pois, que as relações da sociedade contemporânea com o corpo ganham centralidade e um processo de inversão aparece: a alma sai do jogo e o corpo entra em campo





passando a ser mais exposto, valorizado, aplaudido e cultuado. E os atores sociais acríticos, aceitam tal representação, mergulham nas transformações físicas oferecidas pela mídia e publicidade, promovem o consumo de seus corpos negligentemente, aceitam serem definidos pelo o que o olhar da sociedade consumista exige, se reduzem a percentuais de gorduras para sua medição diante do outro e se distanciam da realidade, que mais tarde irá cobrar-lhe uma reflexão. Afinal, o corpo físico perece e o que restará senão um enorme vazio de valores internos, de razão, de alma, de pensamento. Uma prova disso é enunciada por Santos:

Passamos, assim, de uma cultura com valores interiores, do sentimento e da interioridade, para uma cultura exterior, da percepção e das sensações, onde a subjetividade passa a se apresentar no corpo, na exterioridade da pele. Assim, o que o indivíduo contemporâneo apresenta ser não é mais o que ele é na sua interioridade, mas sim o que ele aparenta ser (2010, p. 56).

De acordo com as considerações desse autor pode-se entender que a aparência física está no topo da pirâmide das relações sociais contemporâneas tornando “o corpo parceiro daquele de quem se exige a melhor apresentação, as sensações mais originais, a boa resistência, a juventude eterna, a ostentação das marcas distintivas mais eficazes” (LE BRETON, 2011, p. 86).

Le Breton ainda insiste:

A preocupação com a aparência, a ostentação, o desejo de bem-estar que leva o ator a correr ou a se desgastar, a velar pela alimentação ou a saúde, em nada modifica, no entanto, a ocultação do corpo que reina na sociabilidade. A ocultação do corpo continua presente e encontra o melhor ponto de análise no destino dados aos velhos, aos moribundos, aos deficientes ou no medo que todos temos de envelhecer (2011, p. 87).

O corpo contemporâneo apresenta, então, uma superficialidade nas relações sociais devido ao consumo de seu físico - ele próprio se consome - e de bens materiais que, por vezes, podem ser injetados nesse corpo vazio da substância realidade e do sujeito que é – ou





que se espera que deveria ser. Desse modo, o homem só será “libertado” quando qualquer preocupação com o corpo tiver desaparecido (LE BRETON, 2011, p.87).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

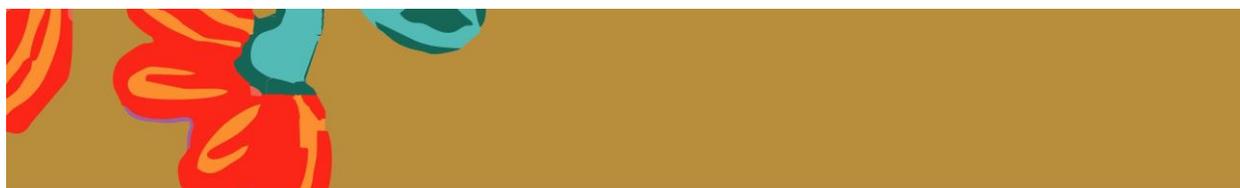
O corpo é instrumento de posicionamento do indivíduo no mundo social; por meio dele se expressa, movimenta-se, desenvolve-se intelectualmente, evolui-se e exercita-se a cidadania. Na interação social com outros corpos, (re)constrói a história e a ciência; na descoberta de novos caminhos, o corpo se torna sujeito, ator e autor de transformações epistêmicas. Contudo, deve-se considerá-lo como um corpo que possui alma e estruturas físicas, ultrapassando conceitos dualistas e elitistas, na promoção de uma perspectiva que leva ao entendimento de que o corpo é sujeito social em sua totalidade e influencia o meio em que está inserido. E essa parceria é o que torna o sujeito-corpo ativo e atuante na vida social.

Em vista disso, o que define corpo é seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais (DAOLIO, 1995, p. 41).

Portanto, dentro desta perspectiva, o corpo não é um dado puramente biológico; ele possui alma, pensamento, sua própria realidade e tem o poder de instaurar o ator social como sujeito da vida cotidiana.

A partir do que foi exposto nesse ensaio, percebe-se um breve olhar do corpo em seu desenrolar enquanto sujeito social desde o mundo tradicional às concepções contemporâneas; e as ideias de sociólogos e filósofos clássicos e contemporâneos ainda se encontram atuais quando se percebe a posição que o corpo possui na sociedade consumista vigente.

Por fim, a cultura contemporânea é a cultura do corpo em evidência e, em vista disso, deve-se problematizar o lugar social a partir do qual estamos vendo a realidade que nos é





trazida e qual a visão de sujeito que estamos privilegiando no nosso olhar e na nossa intervenção. Trata-se de buscar novas formas de lidar e significar as experiências singulares do sujeito.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. 1ª ed. São Paulo, Edusp; Porto Alegre, Zouk. 2007

CAMPOS, P. F. M. **Relações corpo e educação: um estudo sobre o lugar do corpo na escola.** Disponível em: <<http://unb.revistainterambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/190/163.pdf>> . Acesso em: 20 dez. 2012.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DAOLIO, J. **A cultura do corpo.** Campinas, 11a ed. SP: Papyrus, 1995

FREITAS, G. G. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade.** Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000095484&fd=y>> . Acesso em: 15 de fev. 2013

LE BRETON, D. **Sociologia do corpo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.





LEVIN, E. **A clínica psicomotora: o corpo na linguagem**. 8a ed., J. Jerusalinsky, trad. Petrópolis. RJ: Vozes. 2009.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. Disponível em:

<http://pt.scribd.com/doc/18787761/Marcel-Mauss-A-Nocao-de-Tecnica-Corporal>

Acesso em 01 de fev. de 2013

MEDEIROS, C. C. C. de. **Habitus e Corpo Social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu**. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/1343>. Acesso em: 15 jan. 2013.

MILSTEIN, D; MENDES, H. **Escola, corpo e cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

MOURÃO, M . M. G. **A mercadorização pós-moderna da perversão: sobre a erotização da auto-destruição**. Disponível em:

http://www.psicopatologiafundamental.org/uploads/files/iii_congresso/mesas_redondas/a_mercadorizacao_pos_moderna_da_perversao.pdf.> Acesso: 05 de fev. de 2013

SANTOS, L. A. **Corpo e Cultura: cartografias da contemporaneidade**. Cad. De Pesq. Interdisc. Em Ci-s. Hum-s., Florianópolis, vol 12, n 100, p.49-64, jan/jul 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/1984-8951.2011v12n100p49/pdf>> . Acesso em: 20 dez. 2012

SANTOS, F.J. A. dos. **Considerações sobre a corpolatria**. Revista Motrivivência. p. 53-54, jan, 1990.





VANEIGEM, R. **A arte de viver para as novas gerações.** [S.l.]: Conrad. Editora do Brasil. 2002. p. 97-103.(Coleção Baderna).

